

GRUPO DE PESQUISA ESCOLA, MEMÓRIA E COTIDIANO - GEPEMC

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS ESCOLA, MEMÓRIA E COTIDIANO - GEPEMC

O POVO CRIANÇA E SUAS INFÂNCIAS

Carmen Lúcia Vidal Pérez – coordenadora
Universidade Federal Fluminense - UFF

1- GEPEMC – Redes e trajetórias...

*O essencial são os intercessores.
A criação são os intercessores.
Sem eles não há obra
Gilles Deleuze*

O Grupo de Estudos e Pesquisas Escola, Memória e Cotidiano - GEPEMC foi criado em 2005 com o objetivo de articular as ações de docência, pesquisa e extensão e em especial na formação continuada de professoras e as investigações com as crianças e suas infâncias. O GEPEMC é formado por docentes que compartilham pesquisas na área da formação inicial e continuada de professores e estudos com as infâncias e seus cotidianos. Atua também na formação de novos pesquisadores (mestres e doutores) a partir de sua vinculação ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, no qual se insere no Campo de Confluência Estudos do Cotidiano da Educação Popular – ECEP. Os pesquisadores do GEPEMC coordenam e desenvolvem pesquisas financiadas pela Faperj, CNPq e CAPES. O GEPEMC está inserido numa rede de investigadores que congrega pesquisadores de instituições nacionais e internacionais, além de estar vinculado a Red latinoamericana de Coletivo de educadores que hacen investigación desde la escuela - Rede RIE, a BIOGRAPH - Associação de Pesquisa Autobiográfica. O GEPEMC tem como parceiros os grupos de pesquisa liderados pelo Dr. Carlos Skliar - Argentina, o GRUPO DIS/UNICAMP, o grupo Vozes da Educação - UERJ/FFP, ao Núcleo de Estudos e Pesquisa: Práticas Educativas e Cotidiano NEPEC/UniRio, Núcleo de Pesquisa Currículo, redes educativas e imagem NUPEC/UFES- , Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC/UNICAMP e integra a rede de Formação Docente, Narrativas e Experiências – Rede FORMAD/UNRIO e está vinculado ao GT13 - Educação Fundamental da ANPEd. As atividades do GEPEMC se organizam em torno de 03 linhas de pesquisa: *Cognição, aprendizagem e redes de conhecimento no cotidiano escolar; Infância(s) e linguagens - invenções, usos e operações cotidianas; Políticas da memória, investigação narrativa e experiência docente no cotidiano da escola.* O grupo de pesquisadoras do GEPEMC propõe para apresentação no IV Seminário de Grupos de Pesquisas sobre Crianças e Infâncias - um painel composto pelas pesquisas “Infância e Geopolítica”; “Crianças Cuidadoras: uma infância invisível?” e “Crianças: Modos de (vi)Ver, Praticar e Narrar seus Espaços Cotidianos. As pesquisas em tela articulam-se as linhas de pesquisa *Cognição, aprendizagem e redes de conhecimento no cotidiano*

escolar e Infância(s) e linguagens - invenções, usos e operações cotidianas que, têm como objetivos gerais (i) buscar as relações de poder que pensam a crianças e suas infâncias como 'efeito' de discursos e práticas submersas na lógica hegemônica que se reduz a uma única possibilidade de infância (burguesa) distante da realidade da maioria das crianças das classes populares; (ii) buscar com as crianças modos inventivos de aprender divergindo dos modos de colonizar e uniformizar a produção social da existência inventando com elas conhecimentos e modos de saber emancipadores num paradigma ético-estético como saída ou linha de fuga do avanço das lógicas, práticas e teorizações tecnocrática (iii) apostar na potência do movimento de *aprenderensinar* como caminho possível de uma prática pedagógica descolonizadora. Fundamentadas em Boaventura de Sousa Santos, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari. Homi Bhabha, Walter Benjamin e Mikail Bakhtin, buscamos neste painel trazer as investigações que vimos realizando com as crianças, tecendo outros diálogos a partir da narrativa de nossas experiências com as crianças e suas infância(s).

INFÂNCIA E GEOPOLÍTICA

Lorena Lopes Pereira Bonomo –UFF/SME-RJ

RESUMO

A presente comunicação está articulada à linha de pesquisa Infância(s) e Linguagens - Invenções, Usos e Operações Cotidianas do GEPEMC, coordenado Por Carmen Lúcia Vidal Pérez e resulta das investigações realizadas em meus estudos de doutoramento a partir da pesquisa *Infância e Geopolítica: que mundo afirmamos para os que chegam ao mundo?*, cuja centralidade está na potência do movimento de *aprenderensinar* como caminho possível de uma prática pedagógica descolonizadora. Neste sentido, *O menino no pijama listrado*, de Mark Herman, e *A culpa é de Fidel*, de Julie Gravas revelam-se narrativas fílmicas de infâncias que veem, sentem, vivem e produzem geo-grafias e acontecimentos geopolíticos e, operando em suas lógicas, (des)reconstroem um mundo adulto. No trabalho, enlaço as construções infantis presentes nos filmes às provocações das crianças com as quais convivo, nas escolas do município do Rio de Janeiro onde leciono geografia. Crianças que veem esse mundo e suas transformações, que sentem as mudanças políticas, e que acolhem/provocam a convivência com o outro/estranho e assim ampliam suas visões de mundo. Nos casos das crianças da escola, muitas vezes sou essa estranha/outra, e assim pretendo esse ensaio, uma possibilidade de sentir com as crianças que “mundo novo” nasce nas suas percepções geopolíticas, que mundos possíveis podem existir nesse mundo novo. Desses acontecimentos tento escavar fragmentos que me permitam pensar a infância, a geopolítica e a educação, encaminhado nossa tentativa de entender o processo de significação da criança, que refaz a história com os restos que vai encontrando, com as peças que vai encaixando. Desnaturalizar a História parece fácil para elas que subvertem as ordens do vivido e acentuam uma visão crítica do presente. E as crianças, como nos diz Iturra (2008), ainda andam a *tatear o mundo*. As geo-grafias infantis revelam saltos entre universos reais e imaginários, explorando contradições e possibilidades desse trânsito. Assim também é na lógica das crianças que se reforçam a necessidade de deixar de ensinar o já sabido para ensinar diferente, a exigência de deixar de pensar como se pensava. Deixando de pensá-las como ausência, reconhecemos a potência de sua expressão. As composições que tecemos indicam outra

questão benjaminiana: *O que é contar uma história, histórias, uma História?* De que *tempo-espaço* nos apropriamos para narrar às crianças, nosso mundo? Que discurso político nossas aulas diariamente tem reforçado? De quais maneiras podemos fazer desse nosso encontro, nas cercas, atrás dos muros da escola, um espaço onde a multiplicidade de histórias e versões aflorem? Explorar como/com as crianças a linguagem, ter um espaço-tempo de aula como lugar da narrativa, da escrita de si e do outro, talvez sejam caminhos de testemunharmos outra política, outra escola, outra educação, que se permite dizer o avesso do mundo. *Se só é possível enquanto arte*, a tarefa docente talvez possa ser a de narrar e deixar narrar, criando sentidos, espaços de pertencimento que envolvam, que reatualizem memórias e recrie a História como um tempo *de agoras*. Nessa prática o encontro acontece e os conhecimentos são tecidos na circularidade do processo de *aprenderensinar*.

Palavras-chave: Infância; Geopolítica; *Aprenderensinar*.

CRIANÇAS CUIDADORAS: UMA INFÂNCIA INVISÍVEL?

Márcia Fernanda Carneiro Lima –UFF/FAETEC

Resumo

A presente comunicação está articulada à linha de pesquisa *Cognição, aprendizagem e Redes de Conhecimento no Cotidiano Escolar*, do GEPEMC, coordenado Por Carmen Lúcia Vidal Pérez e resulta das investigações que venho realizando a partir do projeto de pesquisa de mestrado *À Captura do Invisível em diálogo com os IN-visíveis da sala de aula*. Vemos a infância com olhos que tem na sua retina, a impressão da imagem de uma única infância. Sob a perspectiva do paradigma hegemônico europeu, imprimiu-se em nossos olhos a concepção de infância burguesa, branca e europeia. Esse processo de impressão brota a partir século XVII, germina até os dias atuais e se manifesta de forma colonizadora, na maneira que temos de olhar as crianças e as infâncias. É como na ilusão de ótica, onde por persistência da imagem uma silueta insiste em se projetar em qualquer superfície em que olhamos, impondo dessa forma a sua imagem. Não vemos as crianças e as diferentes possibilidades de infâncias. A escrita que se derrama a seguir busca compreender alguns discursos que na escola, se constroem sobre as crianças invisibilizando seus diferentes modos de ser, saber e estar no mundo. Minha intenção não é a de tornar visível o que não vemos, e sim de compreender que em muito não vemos; de trazer à transparência e tampouco buscar a verdade. Ao contrário, este trabalho pretende buscar não a verdade, mas as relações de poder que possibilitam a sua produção e a crença na sua existência, pensando no sujeito como 'efeito', composto por discursos, práticas e vivências submersas numa lógica que impõe de maneira hegemônica uma única possibilidade de infância, uma infância burguesa distante da realidade da maioria das crianças oriundas das classes populares. Nesse acontecer sujeito/efeito, há que se reconhecer o que não se vê entorno do acontecer humano. As Crianças Cuidadoras brotam nesse contexto pela via da imprevisibilidade que na pesquisa com o cotidiano escolar, anuncia e legitima o cotidiano na sua essência, imprevisível, rizomático e inconstante. Nessa busca, me deparei com crianças que cuidavam de 'outros', também crianças, e até de 'outros', não mais crianças. Portanto pretendo trazer a esta escrita, narrativas de crianças que têm como fazer, o cuidado com o outro; com a intenção de procurar compreender um pouco

mais sobre esta infância que pouco se fala pouco se percebe, pouco se vê. Em *Noites Brancas* (Dostoiwevsk 1888/2007), conheci a história de Nastenka que em nome do cuidado é presa à avó, literalmente por um alfinete. Esta história me faz perguntar sobre quais 'alfinetes' unem algumas crianças e seu(s) outro(s) que cuidam? Seriam elas, crianças (IN)visíveis? Quais as diferentes maneiras de cuidar? Como o adulto pensa esse cuidar da criança, e como a criança pensa o cuidado? Como isso se reflete na escola? O que é o cuidado no contexto escolar? Que práticas e discursos se entrelaçam no 'existir-cuidador' da/na infância? Seria esta, uma infância INvisível? As crianças cuidadoras que não aparecem na história da infância brasileira, estão nas salas de aula e trazem consigo distintas possibilidades de pensar o cuidado. Gostaria de trazer através da narrativa, diálogos outros sobre o cuidar numa perspectiva descolonizadora do olhar.

Palavras-chave: Infâncias IN-visíveis; Crianças Cuidadoras; Descolonização do Olhar

CRIANÇAS: MODOS DE (VI)VER, PRATICAR E NARRAR SEUS ESPAÇOS COTIDIANOS.

Juliana de Oliveira Borges- UFF/COLUNI

Resumo

A presente comunicação está articulada à linha de pesquisa Infância(s) e Linguagens – Invenções, Usos e Operações Cotidianas do Grupo de Estudos Escola, Memória e Cotidiano - GEPEMC, coordenado por Carmen Lúcia Vidal Pérez e resulta das investigações realizadas em meus estudos de mestrado a partir da pesquisa *Crianças: Modos De (Vi)Ver, Praticar E Narrar Seus Espaços Cotidianos*, que objetivou ouvir o que as crianças têm a dizer sobre seus espaços, problematizando-os e levando em consideração suas ideias, desejos e propostas de mudanças. Realizada em uma escola do município do Rio de Janeiro, esta pesquisa está centralizada nas conversas acontecidas no espaço escolar. Desta maneira, são expostas nossas percepções, fotografias, desenhos e narrativas. É a partir destes meios e das conversas com as crianças que pensamos sobre os espaços, desde onde vivemos até a escola, lugar onde desenvolvemos a pesquisa. Portanto, as temáticas que surgiram neste trabalho com as crianças surgem das e são abordadas nas conversas sobre nossos interesses, curiosidades e experiências cotidianas. Trago o que vivemos. Ou melhor, o que vivi. Porque só as crianças podem contar o que viveram. Foi vendo, ouvindo, sentindo, observando e conversando *com* as crianças na escola que pude desenvolver a pesquisa. Os referenciais escolhidos são aqueles que tratam as crianças como produtoras de saber, como seres sociais que veem o mundo com seus próprios olhos, que consomem e produzem cultura, ou seja: são autoras e narradoras de suas próprias histórias. Seus mundos e suas relações sociais se entrecruzam, dando-nos a possibilidade de inúmeras combinações. Na pesquisa que desenvolvi *com* as crianças tomei nossas narrativas e conversas como dispositivos de produção de conhecimento e de exercício da curiosidade epistemológica. Uma das formas que me permitiu criar relações de diálogo, de conversas e aproximação com as crianças foi a utilização dos livros de literatura

infanto-juvenil, que possibilitaram também que articulassem os conceitos espontâneos construídos na vida cotidiana com os conceitos científicos. As crianças, se criadoras, não representam, mas vivem suas criações. Trazem suas histórias, narrativas, saberes e conhecimentos sobre suas formas de (vi)ver e narrar seus espaços cotidianos. Nas ruas, na escola, nas salas de aulas, as crianças se encontram, se misturam e produzem um coletivo, que é central nesta pesquisa, pois são suas experiências diferenciadas que se configuram como processos de singularização. Se a cidade é espaço de transitar, permanecer, conviver, porque ela não pode ser pensada a partir de seus usuários? Se a escola é o espaço/lugar para onde as crianças vão (ou deveriam ir) cinco vezes na semana, porque não discutimos as experiências de se viver na escola? Por que elas não fazem parte do processo de projeto ou de pensar sobre a manutenção das escolas e cidades? Tais questões me intrigam e desafiam a investigar como as crianças vivem, pensam, *sobrevivem* na cidade e escola.

Palavras-chave: Espaço, Narrativa, Experiência.